Jesus e os Samaritanos

Todas as culturas devem ter lugar no Reino

"Há duas nações que minha alma detesta
e uma terceira que nem é nação:
os habitantes da montanha de Seir, os filisteus
e o *povo estúpido* que habita em Siquém" (= samaritanos).

(Eclo 50,25-26)

Lá pelos anos de 190/80 aC foi escrito o Eclesiástico. Seu autor, Jesus Ben Sirac, procurou reavivar a memória do seu povo e mostrar a identidade própria de suas tradições. O autor do Eclesiástico buscava a preservação da identidade judaica e salvaguardar a fé de Israel no Deus vivo. A fé israelita devia ser testemunhada diante de todas as nações.

No texto bíblico acima citado, lendo-o pausadamente, percebemos o quanto de ódio havia na "caneta" de Ben Sirac contra os samaritanos: um povo que não é nação, que é estúpido, ou melhor, idiota, conforme traduções mais modernas. Um ódio mútuo era sempre crescente entre judeus e samaritanos. Difícil imaginar quem odiava mais. Com o passar do tempo, o ódio foi adquirindo formas e requintes inimagináveis no mundo de hoje.

Certamente o judaísmo, que contava com uma instituição religiosa sólida, exercia uma pressão maior e mais violenta sobre o pequeno povo samaritano. Chegou ao ponto de não haver sequer diálogo entre judeu e samaritano (Jo 4,9). A partir daí estava morta toda e qualquer possibilidade de uma possível negociação. A história relata uma ação chocante por parte dos samaritanos contra a religião judaica. Já no tempo de Jesus, entre 6 e 9 dC, por ocasião da festa da Páscoa, numerosa ossada humana, no silêncio da noite, foi esparramada na praça do Templo, tornando-a impura para os judeus. Certamente, para que os samaritanos tomassem tão absurda atitude, deve ter havido uma razão muito forte; devem ter feito isso como vingança contra uma ação também violenta por parte dos judeus. Dos dois lados havia um ódio carregado de contínua vingança.

Partindo do dado de que o(a) leitor(a) está informado sobre a origem da Samaria e dos samaritanos, que hoje poderíamos chamá-los de um povo mestiço, vamos tentar uma modesta contribuição da relação de Jesus com aquele povo. Neste caso ficamos limitados apenas aos textos dos evangelhos.

1. JESUS ORDENA: "NÃO ENTREIS EM CIDADES DE SAMARITANOS" (Mt 10,5-6)

"Jesus enviou esses Doze com estas recomendações:

Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. *Dirigi-vos, antes,* às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Bíblia de Jerusalém, Paulinas).

"Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; *mas, de preferência,* procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Tradução Almeida).

"Não sigais pelos caminhos dos pagãos nem entreis em cidade de samaritanos. *Ide, ao invés,* às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Bíblia Vozes).

"Não tomem o caminho dos pagãos e não entrem nas cidades dos samaritanos. *Vão primeiro* às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Bíblia Edição Pastoral, Paulinas).

Na ordem de Jesus, ao menos na narração de Mateus, fica claro que os samaritanos estão excluídos da nova aliança. Eles ganham inclusive o último lugar. São citados antes deles os gentios, que também estão excluídos. Mas também podemos imaginar que no pedido do Senhor não estejam totalmente excluídos os samaritanos.

Mas é importante aqui, mesmo que o espaço não seja apropriado para esta questão, perceber alguma coisa do contexto do evangelho de Mateus:

a) Seu evangelho é especialmente destinado aos judeus.

b) Mateus mesmo é judeu, e como tal conhece bem os samaritanos com sua confusão religiosa.

c) Mateus então lembra ao povo de Israel, mesmo via um hebraísmo bíblico, como herdeiro da eleição e das promessas, que os judeus devem ser os primeiros a receber o oferecimento da salvação messiânica.

Poderíamos então desconfiar que o Senhor não excluiu os samaritanos da nova aliança. Mas na narrativa de Mateus eles ocupam o último lugar e aparentemente nem devem receber a Boa Notícia. Por outro lado, na construção de Mateus, o "antes" dá a entender que depois dos judeus até seja possível dar uma chance "àquele povo idiota". De qualquer maneira, a maioria das pesquisas afirma que Jesus proibiu expressamente os discípulos de entrarem na Samaria. Se foi produto histórico ou acréscimo posterior à tradição de Mateus ou não, nos evangelhos de Lucas e João a relação com os samaritanos toma uma outra dimensão.

2. OS SAMARITANOS NÃO ACOLHEM JESUS

Lucas, que tem o seu evangelho especialmente destinado aos pagãos, dá um grande espaço aos samaritanos. Inicialmente Lucas apresenta o aspecto conflitivo dos samaritanos em relação ao povo judeu. O relato a seguir é muito ilustrativo:

> "Estava chegando o tempo de Jesus ser levado para o céu. Então Jesus tomou a firme decisão de partir para Jerusalém, e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho, e *entraram num povoado de samaritanos*, para conseguir alojamento para Jesus.
>
> Mas *os samaritanos não o receberam*, porque Jesus dava a impressão de quem se dirigia para Jerusalém.
>
> Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: 'Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para acabar com eles?' Jesus, porém, voltou-se e os repreendeu. *E partiram para outro povoado*" (Lc 9,51-55 – Bíblia Ed. Past., Paulinas).

Aqui no primeiro relato de Lucas sobre os samaritanos está em destaque o ódio antijudaico. Sendo a Samaria corredor de peregrinos judeus para o Templo de Jerusalém, tal ódio era permanentemente alimentado. Os discípulos parecem já caminhar para um superação desse ódio, quando estão dispostos "num povoado de samaritanos a preparar um alojamento para Jesus". A iniciativa dos discípulos fica bloqueada com o radicalismo dos samaritanos: a não-acolhida por perceber que Jesus era judeu (peregrino). Entra em ação o ódio judaico contra os samaritanos: "vamos mandar fogo do céu para consumi-los?" Jesus, então, toma a atitude de não alimentar nenhum dos lados: reprova a idéia violenta dos discípulos e vai para outro povoado para não alimentar mais ainda o conflito com os samaritanos, iniciado com a busca de um alojamento num dos seus povoados.

Talvez o fato de Jesus repreender os discípulos os ajudasse a começar a compreender que o Reino de Deus vem também para os mais miseráveis e excluídos da "normalidade social". Neste texto de Lucas podemos perceber que Jesus "tenta" uma relação com este povo. Vai até ele. Pretende fazer uma parada ali certamente para iniciar uma relação mais amistosa com os samaritanos. Podemos imaginar Jesus querendo conquistar este povo mestiço, marginalizado social e religiosamente, para a *novidade* que Ele traz.

O discípulo fiel sempre cumpre as orientações do seu mestre. O fato de os discípulos procurarem naquele povoado um alojamento para Jesus pernoitar significa que tal desejo de ali fazer esta parada maior partiu de Jesus. Provavelmente, se dependesse apenas dos discípulos, eles iriam diretamente a um outro lugar onde não existissem samaritanos.

Resumindo alguns aspectos entre outros, podemos constatar:

– Jesus pede aos discípulos para fazer uma parada em povoado de samaritanos.

– Pede aos discípulos para irem à frente tentar "negociar" um contato com o povo samaritano. Já ao contrário de Mateus, os samaritanos também estão incluídos na proposta de Jesus.

– Jesus chega a entrar no dito povoado e experimenta pessoalmente a gravidade do ódio mútuo.

– Jesus constata que da parte dos seus discípulos a raiva é carregada de vingança, e isso é grave. É preciso de agora em diante orientar os discípulos para uma outra atitude diante deste conflito religioso-social.

– Jesus certamente descobre que a forma que usou para fazer o primeiro contato não foi a mais eficaz. Talvez Ele mesmo tenha que tentar. Os discípulos não estão preparados para uma missão por demais complexa como essa. No texto de Jo 4 veremos que Jesus busca uma outra forma de chegar aos samaritanos.

No primeiro relato de Lucas a respeito da relação de Jesus com o povo samaritano, ele faz questão de documentar bem o acontecido. Coloca Tiago e João como participantes desta tentativa de contato de Jesus com os samaritanos. Sabemos muito bem que no mundo judeu só é válido o testemunho de duas pessoas. Lucas não informa neste texto qual foi explicitamente a atitude de Jesus diante do radicalismo dos samaritanos. Fica bem clara a atitude dos dois discípulos, que é de enfrentamento e vingança. Mas talvez o silêncio de Jesus neste relato de Lucas já nos informa que Ele saiu daquele povoado pensativo e meditativo no sentido de achar caminhos para incluir os samaritanos nas pegadas do Reino de Deus.

3. O BOM SAMARITANO E O JUDAÍSMO OMISSO (Lc 10,29-37)

Esta é uma das mais conhecidas parábolas do Novo Testamento. Ela é sempre apresentada como a fórmula mais perfeita para se viver o mandamento da caridade (amor) na comunidade cristã. Esta parábola talvez seja a mais completa no sentido de tratar do ser humano em todas as suas dimensões: psicológica, afetiva, existencial e espiritual. Sua construção é sábia. Não tem como preocupação central ser anticlerical, como já afirmaram tantos no passado. Ela vai na linha do compromisso concreto com a vida que está agredida de forma profunda (semimorto). Sua proposta é reconstruir a vida a partir da solidariedade organizada. Lucas, no seu estilo minucioso, criou todo um clima de ação solidária com o homem meio morto: aproximou-se, viu, compadeceu-se, cuidou das chagas com óleo e vinho, pegou o homem e o colocou no seu animal, levou-o à hospedaria, dispensou-lhe cuidados.

A parábola é narrada num contexto de um debate entre Jesus e o doutor da Lei. Por isso, a pergunta final que Jesus faz é embaraçosa para o legista. Tal resposta implica ter entendido a dimensão da solidariedade com o homem sofrido. É apresentado ao legista judaico um samaritano que soube ser solidário. O legista tenta escapar e usa uma resposta correta mas não clara: "aquele que usou de misericórdia para com ele" (v. 37). Logicamente o legista não pronunciou o nome do samaritano. Jamais um judeu culto iria pronunciar o nome de alguém daquele "povo idiota".

No centro da parábola não encontramos apenas um só. O homem semimorto e o samaritano formam o centro desta parábola. A situação de um e a ação de outro formam a mensagem central. Não dá para separar isso. Assim, Jesus

coloca no centro de sua mensagem – uma das mais libertadoras por sinal – um homem que faz parte de um povo totalmente marginalizado pelo judaísmo.

– O judeu é convidado a imitar o samaritano no aprendizado com a cultura dos oprimidos (v. 37)

"Vai, e, também tu, faze o mesmo" (v. 37). Certamente o legista, na sua sabedoria e arrogância secular, não esperava por tal conclusão neste debate com Jesus. Está claro que a partir daí começa a haver uma aproximação da mensagem cristã com o povo samaritano. Este povo, odiado pelo judaísmo arcaico, tem espaço na nova mensagem que chega com Jesus. Jesus inclusive convida o judeu para fazer o mesmo que fez o samaritano. Na narrativa de Lucas, são os oprimidos quem devem ensinar o caminho seguro aos opressores que já se perderam por causa da arrogância e prepotência aliada a uma religião legalista e farisaica.

4. NA CULTURA OPRIMIDA OS SINAIS DE VIDA PRECISAM DE CANAIS

Ainda no evangelho de Lucas aparece pela terceira e última vez o povo samaritano. Novamente aí, o povo samaritano continua recebendo da benevolência de Jesus. Em Lc 17,11-19 novamente aparece um samaritano no centro das atenções. Desta vez é o próprio samaritano que se encontra na posição de quem precisa de socorro. Ele é um leproso. Imaginamos aqui a situação daquele pobre homem: samaritano e ainda por cima leproso.

A cena é clara. Jesus vai para Jerusalém, passa pela região da Samaria e num daqueles povoados habitados pelos samaritanos vêm ao seu encontro dez homens leprosos. Eles suplicam a compaixão do mestre Jesus. Após ganharem a cura, apenas um retorna para agradecer. Jesus acha estranho e faz a pergunta: "Onde estão os outros nove? apenas este estrangeiro (samaritano) veio para dar glória a Deus?" E o samaritano agradecido ganha de Jesus mais uma força: "Levanta-te e vai; a tua fé te salvou" (v. 19).

Por trás da pergunta de Jesus, há o interesse de que todos saibam que apenas o samaritano foi capaz de vir agradecer. Dos dez, apenas o samaritano recebe uma atenção especial de Jesus. Estaria Jesus investindo demais em quem não mereceria tanto assim?

Com exceção de Mateus, em todos os três textos de Lucas Jesus "salva a pele" do povo samaritano. Até mesmo esforça-se para mostrar que os judeus devem olhar diferente para os samaritanos. Jesus acaba dizendo de diferentes formas que os samaritanos não são tão ruins e inferiores como querem os judeus. Como a mensagem do Reino vem especialmente para os últimos e excluídos, independente da situação social e religiosa deles, Jesus vai mostrando aos poucos aos seus discípulos que os samaritanos, por carregarem o peso maior da discriminação social/religiosa, são os que devem ser olhados com mais carinho e atenção.

5. MULHER SAMARITANA: A PURIFICAÇÃO DAS CULTURAS (Jo 4,4-44)

O evangelho de João, que tem todo o seu contexto diferenciado de Mateus e Lucas, logo no início (cap. 4) abre um grande espaço para o mundo dos samaritanos. O jeito de João é muito interessante. No episódio do encontro de Jesus com a mulher samaritana é Jesus quem toma a iniciativa de abrir um diálogo com a cultura samaritana.

"Jesus lhe disse: Dá-me de beber" (v. 7). Fica claro que Jesus quer realmente entrar no mundo dos samaritanos. Para entrar no mundo do outro é preciso antes de tudo se colocar numa postura de humildade. Jesus precisa de algo. Ele está necessitado. Tem sede e está fatigado da viagem. Precisa de acolhida. No mundo antigo, o servir um pouco de água para alguém significava também acolhê-lo. Jesus tem um jeito simples e eficaz. Ele quer se aproximar da samaritana. Sabe que a relação do seu povo (os judeus), da sua cultura, é dificílima com o povo samaritano. Jamais um judeu iria pedir água (acolhida = relação fraterna) a um samaritano. Ainda mais a uma mulher do povo samaritano. Jesus procura vencer então todas as barreiras e preconceitos religiosos/sociais. Por outro lado, Jesus é também um homem; representa todos os homens. Quer ajudar a samaritana a entender isso. Na pessoa de Jesus os samaritanos então se abrem a toda a humanidade. Jesus, numa postura de necessitado, precisa de solidariedade. Nessa situação, ajudará os samaritanos a abrirem um pouco mais seus horizontes.

– Para a construção do Reino todas as culturas têm algo a dar

> "Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou samaritana?" (v. 9).

A mulher está assustada. Sua resposta mostra o quanto ela acha estranho (anormal) um judeu pedir água ou qualquer outra coisa a um samaritano. De sua parte, Jesus abre um canal novo de partilha com o mundo dos samaritanos. A mulher ainda não pode compreender plenamente o que se passa. Mas o diálogo avança entre os dois. Jesus ajuda-a a fazer uma revisão de sua vida a partir da fé. Não a fé em algo falso, duvidoso e confuso. Jesus apresenta a ela os valores do Reino. Mas, antes, ele se apresenta a si mesmo. Ele é o *novo dom* que os samaritanos precisam conhecer. Fica claro que a preocupação central de Jesus é ajudar a samaritana a sair de uma prática religiosa que na verdade não liberta e nem promove a pessoa. Ela mesma parece sentir a necessidade do novo. Interessa-se e faz perguntas. Vai chamar gente para que possa entender melhor o que vê e escuta. Percebe que é necessário um agir comunitário, integrado e novo a partir daquele encontro. Um povo começa a ser conquistado para o Reino.

– De uma "cultura marginal" a uma ação eficaz pelo Reino

> "Muitos samaritanos daquela cidade *creram nele*, por causa da palavra da mulher" (v. 39).

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

Eis, pois, o resultado do contato de Jesus com o mundo cultural dos samaritanos: valorizar e organizar o potencial humano/espiritual de um povo que era considerado pela cultura de "elite" como povo do diabo.

Jesus liberta a mulher samaritana. Não a tira do seu mundo. Na sua aldeia ela trabalha pelo Reino de Deus. Continua sendo samaritana. Mas é desafiada a levar uma *novidade* a sua gente. Ela topou mudar de vida naqueles aspectos que não se enquadravam na proposta do Reino. Colocou seu potencial de mulher a serviço do seu próprio povo. Viu que seu povo era bom, mas que poderia ser melhor a partir de uma abertura também maior a outros valores até então desconhecidos ou não assimilados. A pedagogia de Jesus não foi de imposição. Foi de diálogo e de abertura ao diferente. Jesus precisou conhecer a raiz cultural (histórica) do povo samaritano para ajudá-lo a entrar na proposta do Reino. Jesus não partiu da negação, mas do reconhecimento do passado daquele povo. Ajudou a mulher a entender que era preciso purificar o presente do povo. Toda cultura precisa deste ingrediente, se quiser continuar existindo e estar a serviço da vida.

De um jeito ou de outro, o encontro de Jesus com a samaritana, encontro de duas culturas bem distintas, vai gerar a novidade do Reino. O texto de João mostra que no encontro entre duas culturas é preciso que cada lado saiba "perder" e "receber". Jesus "perde" quando ele se coloca no nível da mulher samaritana. Apresenta-se como uma pessoa qualquer, que precisa ser ajudada, que precisa de solidariedade. Neste sentido ele até fica "abaixo" da mulher. Se torna "dependente" dela. Não está numa posição de auto-suficiência e arrogância. O que Jesus fez foi ficar no mesmo nível da mulher. Sem uma relação de igualdade fica difícil construir a comunhão. Por outro lado, a samaritana teve que "perder" suas falsas seguranças. Teve que se esforçar e se dispor à novidade. No encontro das culturas há sempre essa relação de "perda" e "ganho". Mas tal relação tem por fim libertar e promover as culturas envolvidas.

– Toda cultura tem sede de libertação e de vida nova

"Bem mais numerosos foram os que creram por causa da *palavra dele*" (v. 41).

A aceitação da *novidade* por parte dos samaritanos daquela aldeia foi tão grande, que eles até pediram para Jesus permanecer por lá. Jesus ficou dois dias (Jo 4,40) com eles. No relato de João se percebe que um número significativo de samaritanos aderiu à proposta de Jesus. O mesmo não se constata da parte dos judeus. Entra aqui aquela velha discussão que não consegue na prática convencer muita gente: na verdade os pequenos estão sempre mais dispostos à mensagem do Reino?

Historicamente condenados, marginalizados e odiados pelo judaísmo, os samaritanos ficariam à margem do Reino se o próprio Jesus pessoalmente não se empenhasse no sentido de chegar até eles e ajudá-los a se integrarem na perspectiva do Reino de Deus. Quantas culturas oprimidas por aí têm o seu potencial desconhecido por falta de apoio e abertura das "santas instituições" religiosas.

6. JESUS É COMPARADO COM OS SAMARITANOS (Jo 8,48)

– A tentação de destruir a cultura "inferior"

No auge da discussão entre Jesus e os judeus a coisa chega a um nível nada civilizado. Jesus não é compreendido pelos judeus ou eles não queriam compreender Jesus. Partem então para o ataque:

"Os judeus lhe responderam: 'Não dizíamos que és samaritano e tens um demônio?'" (Jo 8,48).

Que horror! A cultura "polida" e "culta" abaixa o nível e apela até para satanás! O aspecto religioso muitas vezes é usado como argumento afirmativo diante da luta pela não existência e expressão de uma cultura diferente. A expressão religiosa da outra cultura tem a ver com o diabo. Assim afirmam. A partir daí qualquer coisa já leva à briga e ao ódio mútuo permamente. A negação radical da outra cultura implica em não reconhecer nela valores. Tal negação é sempre carregada de preconceitos e julgamentos absurdos.

Jesus afirma categoricamente: "Eu não tenho demônio" (v. 49), e mostra aos judeus o Pai. O Pai é o Deus do direito, da justiça e da vida. Na resposta de Jesus está a proposta de libertação para os judeus ensimesmados, cegos e surdos aos apelos do Reino. Nada mal ser identificado com o mundo dos pobres ou com a causa dos pobres. Talvez não fosse bem isso o que diziam os judeus quando chamam Jesus de samaritano. Mas Jesus de um jeito ou de outro não é comparado com a cultura "pura" do judaísmo. Jesus é identificado com a cultura mais marginalizada da época: os samaritanos.

7. AS CULTURAS OPRIMIDAS DE ONTEM E DE HOJE DIANTE DO EVANGELHO

Saindo agora da Samaria vamos brevemente, à luz da relação de Jesus com os samaritanos, fazer um "pequeno giro" no chão do nosso continente latino-americano, terra multirracial e multicultural; povo afro-ameríndio. Onde estão os judeus e samaritanos de hoje? Quais são os povos social e religiosamente marginalizados, considerados idiotas, sem valor e identidade?

Somos tentados a afirmar que durante estes 500 anos de evangelização na América Latina o catolicismo luso-hispânico de Estado, sob o sistema do padroado, não teve atitude muito diferente do judaísmo legalista e farisaico, aliado às elites dominantes. A religião e cultura aborígenes foram consideradas "coisas do demônio". Por uma questão até de sobrevivência, índios e negros assumiram o cristianismo oficial. Mas nem todas as marcas do passado foram apagadas.

Hoje as Igrejas cristãs convocam seus ministros e agentes de pastoral a desenvolverem um processo de evangelização inculturada. É difícil vencer os preconceitos históricos, mas é exigência do evangelho. Isso nós herdamos. Muitas tentativas já foram feitas para uma maior valorização das culturas oprimidas. Algumas vezes adotou-se a estratégia proposta por Mateus. Preferimos antes a gente de nossa casa, cristãos "puros" e bons praticantes da religião oficial. Ainda hoje o culto afro é denominado de sincretismo religioso; as devoções do caboclo,

do "pêlo duro" ganham o rótulo de superstição. Os índios, porque não dobraram seus joelhos à idolatria do capital, são um povo preguiçoso e ocioso.

No diálogo com a samaritana, Jesus convoca as esferas da oficialidade eclesiástica a terem a humildade de pedir água para beber; de perceber os valores do evangelho na cultura do mestiço, do negro e do índio.

Hoje, mais do que urgente, precisamos ir ao encontro do mundo popular. Neste encontro é preciso termos presente a pedagogia do Senhor Jesus na sua relação com os samaritanos. Há muita coisa a ser purificada na cultura do "povão". Não haverá purificação e nem mesmo "relação de troca" sem a disposição maior: ajudar o povo a entrar na proposta do Reino de Deus. As culturas dominantes e elitizadas, sempre fabricando a morte, devem ser também purificadas. O que Jesus diz ao legista (Lc 10) é válido para os "sábios" de hoje. Sem aproximação das culturas todos perdem. No Brasil há um esforço crescente neste sentido. Mas tal esforço deve ser dobrado, e, infelizmente, em muitos lugares, precisa mesmo ser iniciado.

As Comunidades Eclesiais de Base têm sido lugar privilegiado para ajudar na integração das culturas, na potencialização dos valores de cada uma delas e na busca de uma sociedade nova, onde o evangelho pode ser lido com vozes e ritmos diferenciados, sem ter sua mensagem reduzida ou impedida de gerar mais vida e salvação.

Nos textos brevemente analisados fica claro que o Reino vem para todos. Alguns, imaginando serem "o povo eleito", podem cair na tentação de se "adonar" do Reino e decidir quem entra e quem fica fora. Nos tempos de hoje, o desafio é muito grande. Por isso, é preciso estarmos sempre atentos ao próprio evangelho. A partir dele é que estaremos preparados para o diálogo e a comunhão com as mais diferentes culturas. Nunca o evangelho foi de exclusão, como se concebeu por alguns séculos em várias práticas cristãs. O evangelho exclui todo e qualquer projeto de morte ou de enfraquecimento da vida. A cultura que carregar em si própria elementos que favoreçam isso, o enfraquecimento da vida, deve passar pelo processo de descoberta dos valores do Reino e aliar o seu potencial à causa do Reino.

Assim como Jesus ensinou aos discípulos a valorizar e até mesmo a caminhar com o diferente, somos também, como Igrejas hoje, convidados a aprender mais dessa pedagogia libertadora e evangélica. Felizmente hoje há uma abertura a esta proposta. O problema é que ela muitas vezes é mais teórica. Mas lembremos: Jesus não ficou apenas na discussão com o legista. Ele foi muito mais longe na sua postura, proposta e práxis.

Cyzo Assis Lima
Av. Euclides Kliemann, 422
96800-640 Santa Cruz do Sul, RS